

X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2013.

ADORNO POR ELIAS, PARA ALÉM DE ELIAS: QUESTÕES PARA UMA TEORIA CRÍTICA DO PRESENTE.

Alexandre Fernandez Vaz.

Cita:

Alexandre Fernandez Vaz (2013). *ADORNO POR ELIAS, PARA ALÉM DE ELIAS: QUESTÕES PARA UMA TEORIA CRÍTICA DO PRESENTE*. X Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-038/762>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

X Jornadas de sociología de la UBA

20 años de pensar y repensar la sociología. Nuevos desafíos académicos, científicos y políticos para el siglo XXI 1 a 6 de Julio de 2013 Mesa: 81 La teoría crítica en la actualidad de las ciencias sociales

ADORNO POR ELIAS, PARA ALÉM DE ELIAS: QUESTÕES PARA UMA TEORIA CRÍTICA DO PRESENTE¹

ALEXANDRE FERNANDEZ VAZ

Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha; Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; Pesquisador CNPq.

RESUMO

Neste trabalho cotejo aspectos das obras de Theodor W. Adorno e Norbert Elias. O ponto de partida é o discurso proferido por Elias ao receber o prêmio Theodor W. Adorno, em Frankfurt, 1977, intitulado *Adorno-Rede: Respekt und Kritik*. Eles foram contemporâneos desde a virada para os anos 1930, em Frankfurt, quando Elias era assistente de Karl Mannheim e Adorno trabalhava no círculo de Max Horkheimer. Os comentários de Elias estão centrados, em grande parte, nas dificuldades e apuros que teriam sido trazidos pelo que supõe ser o *humanismo marxista* de Adorno, questão que é interessante para o questionamento das obras em um de seus aspectos, a relação com a tradição dialética, mas que não esgota as possibilidades heurísticas de confrontação. Domínio da natureza, formação (*Bildung*) nos processos de crítica à cultura e civilização, a pergunta sobre a técnica, a relação com a Psicanálise, são questões que interessam à teoria social contemporânea e que encontram neste trabalho uma reflexão que toma as duas perspectivas em comparação. Nesse contexto, aborda-se também a recepção que o debate entre Elias e Adorno alcançou entre comentadores, com especial atenção a Susan Buck-Morss e sua interpretação sobre a Teoria Crítica da Sociedade. As conclusões apontam tensões entre as obras, especialmente no que se refere (1) às ponderações à tradição dialética e ao lugar da barbárie na história, (2) às críticas à cultura e à civilização como experiências históricas (mais contraditórias do que parece supor Elias), (3) às possibilidades de uma teoria crítica do presente.

1. "O OCTOGENÁRIO VOLTA PARA CASA, E É BEM-VINDO"

1 O trabalho é resultado parcial do programa de pesquisas *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação* (III), financiado pelo CNPq e realizado no Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. Uma versão dele foi apresentada no Colóquio Internacional Norbert Elias, na UFPR, em Curitiba, 2000, com o título "*O octogenário volta para casa e é bem vindo*": *Norbert Elias escreve sobre Theodor W. Adorno*. Uma outra foi publicada nos anais do VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul (ANPED-SUL), 2008, sob o título *Cultura, esclarecimento e civilização em duas leituras: Norbert Elias e Theodor W. Adorno*. Ele foi, no ano seguinte, discutido em atividade no PPGE/UDESC. Uma versão em alemão encontra-se em meu livro *Sport und Sportkritik in Kultur- und Zivilisationsprozess: Analysen nach Adorno und Horkheimer, Elias und DaMatta*, publicado pela Afra Verlag, em Frankfurt, 2004. Agradeço à Lisandra Invernizzi pelo essencial apoio na formatação do texto, bem como a Emiliano Gambarotta pela leitura, críticas e sugestões a ele. Infelizmente elas ainda não puderam de todo ser por mim incorporadas.

Em 1977 Norbert Elias foi agraciado com o prêmio Theodor W. Adorno, concedido pela municipalidade de Frankfurt, Alemanha. A concessão do prêmio – também outorgado posteriormente a figuras como Jürgen Habermas, Jean-Luc Godard, Jaques Derrida e Zygmunt Bauman – reveste-se de importância ainda maior ao se constatar que Elias foi escolhido para sua primeira edição. Certamente um reconhecimento algo tardio a um dos grandes intelectuais do século vinte, judeu e alemão, cuja carreira se desenvolveu, até que ele já entrasse nos últimos anos de vida, fora de seu país natal.

Meus comentários no presente texto referem-se às diferenças e proximidades entre o Elias e Adorno, tendo como horizonte o que ambos concebem como cultura e civilização. Tomo por base, nesta aproximação ao tema, o discurso proferido por Elias por ocasião do recebimento do prêmio, em dois de outubro de 1977 e publicado em um pequeno livro (Elias & Lepenies, 1977), junto com a homenagem de Wolf Lepenies, no mesmo ano. O discurso de Elias, intitulado *Discurso sobre Adorno: Respeito e Crítica* (Elias, 1977, pp. 35-68), refere-se, em grande parte, a Theodor W. Adorno, onde confluem comentários pessoais e teóricos.

Em vários momentos Elias contrapõe a Adorno seu próprio aparato teórico, desenvolvido, sobretudo, a partir da elaboração do livro sobre o processo civilizador (*Über den Prozess der Zivilization*). Em ambos os casos, Elias não foge ao seu estilo: por um lado procura garantir a o caráter indissociável entre as experiências pessoal e teórica, por outro recolocar e legitimar os aspectos epistemológicos da *Figurationssoziologie*.

Norbert Elias conheceu Theodor W. Adorno no início dos anos 1930, quando eram ambos jovens professores-assistentes na Universidade Johann Wolfgang Goethe-Frankfurt. Os dois tinham ascendência judaica e igualmente viveriam a perseguição e o exílio, parcialmente no mesmo país, a Inglaterra, onde Elias desenvolveu a maior parte de sua carreira e Adorno apenas permaneceu alguns anos antes de encontrar o abrigo nos Estados Unidos. Embora tenham trabalhado no mesmo prédio em Frankfurt e, segundo Elias, frequentado círculos sociais muito próximos, não tiveram por essa época – como tampouco posteriormente – contato mais que superficial.

Norbert Elias trabalhou em Frankfurt como assistente de Karl Manheim, e teve a sua disposição uma sala no segundo andar do Instituto de Pesquisa Social, posteriormente tornado mundialmente famoso como embrião da chamada Escola de Frankfurt. O Instituto tinha como diretor desde 1931 Max Horkheimer, cujas relações com Manheim não eram boas.² As escaramuças intelectuais entre os dois tiveram como efeito colateral a não aproximação dos jovens assistentes, que viriam a desenvolver, ironicamente, caminhos teóricos que os levaram a debater temas de comum interesse, sempre independentes um do outro.

É profícua do ponto de vista acadêmico a leitura das obras de dois grandes teóricos como Elias e Adorno, colocadas frente a frente, para que se possa, como num jogo de espelhos, observar as diferenças e encontros, mesmo que eletivos. O debate se torna importante também porque ambos, para além das semelhanças pontuais, dedicaram-se a empreendimentos teóricos de vulto, procurando entender o processo de constituição da cultura e da civilização.

² Um exemplo do tratamento destinado a Manheim pelos membros do Instituto de Pesquisa Social é a dura crítica de Adorno a ele dirigida em *Das Bewusstsein der Wissenssoziologie*, escrito em 1937 mas pela primeira vez publicado apenas em 1953. (Adorno, 1997c).

Se ambos empreendimentos tiveram uma temática mais ou menos comuns, foram, no entanto, diversos no estilo e na perspectiva. Elias procura traçar, a partir de fontes documentais, o curso sócio-histórico que se estrutura em um processo contínuo, cuja direção pode ser identificada por um lado na constituição dos Estados, na centralização da cobrança de impostos e no monopólio da violência, e por outro na internalização de normas e coações antes externas, no controle das pulsões, sentimentos e emoções. Tudo isso é emoldurado por configurações que exigem a instituição de redes cada vez mais complexas de interdependência.³

Por outro lado, Theodor W. Adorno elabora sua crítica à civilização, junto com Max Horkheimer, por meio de um discurso filosófico e meta-histórico. A *Dialética do Esclarecimento* (Horkheimer & Adorno, 1997) não é uma análise histórica no sentido estrito, com dados empíricos e fontes documentais que se preocupem em oferecer "comprovação" àquilo que é apresentado, ainda que muitas das reflexões ali desenvolvidas se baseiem em pesquisas empíricas coordenadas pelos Autores. O caminho é outro, já que Horkheimer e Adorno procuram por meio de exemplos até certo ponto heterodoxos, entender e criticar o projeto imemorial de domínio da natureza, forma privilegiada da racionalidade instrumental, mas não a única possível de o humano relacionar-se com ela, de modo que se possa sustentar a tese desde o princípio enunciada: que no caminho de dominação da natureza e produção da subjetividade (portanto, da construção da história), a passagem do estágio do *mito* para o do *esclarecimento* é produtora da regressão a um novo estágio mitológico, cujo conteúdo será a dominação e a barbárie. Em outras palavras, trata-se de entender o processo civilizador a partir de seu conteúdo interno.

O discurso de Elias oferece uma estrutura para o debate, uma vez que é o único documento escrito que um dos dois deixou sobre o outro, resguardando-se, por isso, não só a voz dos intérpretes e discípulos, mas pelo menos a de um dos protagonistas. Minha exposição, que é um esboço de um projeto de cotejamento mais amplo, ainda em andamento, seguirá, em linhas gerais, a dinâmica do próprio texto de Elias. Desta forma, vou me ater, sobretudo, às questões que ele levanta sobre Adorno, tentando discuti-las em seu conteúdo interno e sua legitimidade teórica. Com isso pretendo identificar alguns pontos de tensão e/ou aproximação nas obras de ambos, para compor uma reflexão que seja sobre Elias, mas também sobre Adorno.

2. NORBERT ELIAS ESCREVE SOBRE THEODOR W. ADORNO

Elias inicia sua fala lembrando o quanto foi longo o caminho para o reconhecimento de sua obra, valorizada pelo prêmio Theodor W. Adorno. Não há como negar que há no discurso um misto de ressentimento, alívio e sensação de reconhecimento. Antes de recordar o rico clima cultural que vivera em Frankfurt no início dos anos trinta - "dos mais ricos e estimulantes de minha vida" (Elias, 1977, p. 40) -, Elias vai logo demarcando sua relação pessoal com a Alemanha e seu universo intelectual: "O octogenário volta para casa, e é bem-vindo" (p. 37). Depois de anos vivendo na Inglaterra, Elias reencontra o universo no qual se formou intelectualmente.

³ Os aspectos metodológicos e as fontes documentais estão fortemente interligados nos dois volumes de *Über den Prozess der Zivilisation*. Trabalho com uma edição publicada pela Suhrkamp Verlag em 1988.

É esse contexto, do clima intelectual vivido em Frankfurt, que servirá para Elias como ponto de partida para as referências a Adorno. Certamente que um ouvira falar do outro nos círculos que frequentavam (Elias, 1977, p. 39). Olhando retrospectivamente, Elias aponta algumas similaridades entre eles, manifestas ao longo da vida de ambos: o interesse pela arte e pela experiência estética – entendidas como esferas fundamentais de conhecimento, inclusive na relação com a investigação acadêmica –, a dificuldade em pensar as grandes questões a partir de apenas uma disciplina, ou ainda o caráter "vivo" dos seminários que cada qual dirigia. Elias destaca a conhecida sensibilidade de Adorno como *homme de lettre*, destacando suas experimentações linguísticas e o cuidado com a expressão estética da palavra (pp. 40-43).

Segundo Elias, Adorno seria um *humanista crítico* (Elias, 1977, p. 44), condição que mais os deixaria próximos. Um humanista crítico seria reconhecido por duas grandes características. A primeira delas seria a solidariedade emocional e intelectual com os oprimidos, *outsiders* e explorados, a segunda aproximar conceitos *desumanizados* como política, cultura, economia e sistema, entre outros, às questões mais prementes de homens e mulheres, percebê-los em sua *humanidade*.

Se Adorno acompanharia Elias na primeira das características, o mesmo não poderia ser dito na segunda. O argumento de Elias para justificar a razão para isso é quase surpreendente: Adorno teria buscado em Marx e Engels a base para seu humanismo crítico, e com isso teria se deixado levar por um aparato teórico já ultrapassado, correspondente ao passado (Elias, 1977, pp. 44-45). Ele seria um *marxista humano*, ao mesmo tempo ortodoxo e não ortodoxo (47). Elias argumenta que de fato não se pode negar a importância do marxismo como modelo teórico que coloca em jogo a sociedade e seu desenvolvimento do ponto de vista dos explorados, sem o qual não se poderia entender as desigualdades de poder característica da civilização ocidental. O marxismo, no entanto, seria um bom exemplo de algo que foi planejado para um determinado fim, sem que se tenha considerado o imponderável, e que acaba então por tornar-se outra coisa, longe da perspectiva inicial (45-47). De um objetivo futuro e utópico, o marxismo tornara-se modelo para Estados poderosos e partidos:

A transformação do programa de luta de Marx para os oprimidos e pouco organizados trabalhadores, em programa de governo para o desenvolvimento planejado de poderosos Estados, é um exemplo que mostra as alterações que se apresentam aos resultados antes esperados, no curso de processos imprevistos. (Elias, 1977, p. 47).

Elias insiste que o *humanismo crítico* de Adorno estaria ligado a um modelo teórico ultrapassado, do século anterior, autoritário, dogmático, que se pretende medida de outras teorias e quer convencer que os conflitos de classe da metade do século dezanove são os mesmos do final do século vinte (Elias, 1977, pp. 48-51). Para Elias é fundamental a atualidade cronológica de uma teoria. No final de seu discurso, lembrará que a ciência é como que uma corrida de revezamento: "Meu desejo é passar o bastão adiante, e em especial transmitir a coragem de se contrapor tanto às estruturas de autoridade do passado quanto às do presente. (...) ultrapassar as velhas gerações." (Elias, 1977, p.65).

É claro que Elias refere-se não apenas a obra de Marx e Engels – que ele não dá mostras, em vários de seus textos, de conhecer com maior profundidade⁴ –, mas essencialmente a recepção/interpretação que o marxismo experimentou, inclusive como legitimador do terrorismo urbano dos anos setenta (Elias, 1977, p. 62).

Esse vínculo do marxismo com a violência, destacada também por outros grandes pensadores do século, como Hannah Arendt (1993, p. 17) teve na Alemanha do último terço do século vinte um vetor especial. Foi, em alguma medida, a motivação ideológica para um acerto de contas com a história, com o recente passado nazista (Elias, 1977, p. 61). É preciso lembrar que a Alemanha foi um dos principais palcos da Guerra Fria, e conservou em diferentes medidas, até 1995, o status de Estado Ocupado. Esses processos, decorrentes do Nacional-Socialismo e da Segunda Guerra, foram muito traumáticos para a Alemanha (então dividida em duas partes), cujo passado nazista permaneceu, como convém a um trauma, causando mal-estar e ameaçando emergir com violência.

O marxismo foi também o substrato ideológico por meio do qual se legitimou, nesse contexto, a ação do *RAF (Rote Armee Faktion - Facção do Exército Vermelho)*, responsável por uma grande ofensiva terrorista nos anos setenta e início dos oitenta na Alemanha. A RAF protagonizou algumas de suas ações mais marcantes curiosamente no mesmo mês em que Elias recebeu o Prêmio Theodor W. Adorno, nos episódios que constituíram a ofensiva depois chamada de *Outubro Sombrio*.

Elias localiza nesse quadro as relações algo tensas de Adorno com os estudantes e o movimento estudantil (Elias, 1977, p. 61), que de fato, como é amplamente conhecido, não foi isenta de dissonâncias.⁵ Para Adorno, a violência dos movimentos de contestação reproduziram o espírito totalitário, cuja experiência ele vivera, assim como Elias, como perseguido e exilado. O pavor de Adorno frente à possibilidade do renascimento do nazismo, visto que as condições objetivas para isso sobreviviam e sobrevivem⁶ (58-60), alimentou sua repulsa à violência manifesta por segmentos dos movimentos de protesto dos anos sessenta do século passado.

Volto a interpretação de Elias, que diz que a estrutura teórica das análises de Adorno estaria centrada no marxismo, raiz, mas também sinal sua fragilidade. Elias considera que a adesão ao marxismo provocaria uma "paralisia no

⁴ Em sua longa entrevista a A. J. Heerma van Voss e A van Stolk, *Biographical Interview with Norbert Elias*, publicada em *Reflections on a Life*, Elias afirma que dedicou-se a estudar a obra de Marx, que até então desconhecia, no final dos anos vinte, em Heidelberg (p. 34). Ao longo de alguns de seus trabalhos, vários de seus comentários a respeito de Marx ou são feitos superficialmente, no marco da generalidades das correntes sociológicas, ou se referem a experiência comunista, no que coincidem em grande parte com esses do texto sobre Adorno. Consulte-se além do livro citado (Elias, 1991, 1994, 1996).

⁵ Não foi, no entanto, uma relação apenas de oposição, e certamente não de ruptura com os estudantes. Se por um lado Adorno foi um crítico severo da violência empregada por segmentos do movimento de protesto dos anos sessenta, foi também alguém muito próximo dos estudantes, como se pode perceber nos seminários que ministrou ou nos relatos de alunos e assistentes. No primeiro caso consultar Adorno (1974), no segundo, BECKER-SCHMIDT (1991). Há diversos textos e entrevistas onde Adorno tematiza a relação teoria & prática tendo em vista o movimento de protesto. Como exemplo, consultar Adorno (1997d, 1997g)

⁶ Elias cita uma passagem do texto *Was bedeutet: Aufarbeitung der Vergangenheit*, publicado primeiro em *Eingriffe: Neun kritische Modelle*, mas também nos *Gesammelte Schriften*. O trecho citado por Elias encontra-se na p. 566 do volume 10-2 (Adorno, T. W. (1997f).

pensamento": "A coragem para seguir pensando está quebrada. Essa fé na autoridade, que se trata de uma doença, condena os seres humanos a uma eterna existência na condição de epígonos." (Elias, 1977, p. 52).

Embora reconheça em Adorno um pensador autônomo (*Selbständiger Denker*) (Elias, 1977, pp. 52-54), Elias afirma que ele não teria tido como escapar das dificuldades em assimilar a contradição expressa pelo marxismo, que como já foi dito, teria sido transformar-se de uma programa de orientação prática dos oprimidos para uma ideologia de (Estados e partidos) opressores (p. 53).

Se esse dilema não ficou sem significado para Adorno (53-54), sua resposta seria a resignação, como indicaria a leitura das *Minima Moralia*: segundo Elias, um lindo texto que zomba do leitor, ao apresentar as questões que, se espera, teriam respostas logo a seguir, mas que não surgem no curso da leitura (Elias, 1977, p. 54).

Não teria sido esse, talvez, o preço pago pelo seu marxismo humano, uma irresolução em última instância, uma paralisia da capacidade para uma síntese teórica que foi para além de Marx, e por conseguinte a correspondente resignação, o sentimento da precária autorrealização? (Elias, 1977, p. 54).

Esse aprisionamento de Adorno a uma tradição autoritária (Elias, 1977, pp. 54-55) lhe teria interposto limites intransponíveis, cujo exemplo citado por Elias mais do que lhe diz respeito. Trata-se do tema da relação entre cultura e civilização, que como se sabe está presente no primeiro capítulo livro sobre o Processo Civilizador. Elias comenta o fato de Adorno e Horkheimer terem coordenado um livro sobre temas da sociologia, no qual justamente um dos capítulos é denominado *Kultur und Zivilisation*. Nada demais não fosse o fato de não terem querido (ou podido) referir-se a seu trabalho, o que teria sido motivado justamente pelos limites impostos pela adesão ao marxismo. Sua investigação teria sido ignorada por ser incompatível com os esquemas e valores do Institut, a cujos dirigentes teria faltado firmeza no avanço do pensamento e na observação investigativa.

De fato, nos *Soziologische Exkurse*, publicados em 1956 pelo Instituto de Pesquisa Social novamente sediado em Frankfurt depois do exílio, o capítulo sobre o tema da relação entre cultura e civilização não se refere, em nenhum momento a obra de Elias. Aliás, com uma pequeníssima e não intencionada exceção,⁷ não há qualquer referência nos textos de Adorno à obra de Elias.

Como publicação institucional, os *Soziologische Exkurse* tinham como objetivo ser um manual que recolocasse em pauta o debate crítico em sociologia, que, como de resto também as outras áreas das Humanidades, estava fortemente impregnada pelo nazismo. Mesmo considerando as pretensões do livro, é de se destacar que não haja qualquer referência a Elias, sobretudo em um pequeno artigo que, ao contrário do que é costumeiro com Horkheimer e Adorno, está repleto de notas que indicam outras leituras. Considere-se, no entanto, que o livro de Elias ainda não havia se tornado um clássico, tendo sua segunda edição aparecido apenas em 1969. Destino, aliás, semelhante ao de outro clássico de nosso tempo, obra chave de Horkheimer e Adorno, a já

⁷ Refiro-me a um Curso de Introdução à Sociologia, ministrado por Adorno em Frankfurt no ano de 1962, no qual ele cita uma carta de Walter Benjamin a um destinatário desconhecido, que, mais tarde se saberia, era Norbert Elias (Adorno, pp.1996, p. 197-198, 241). A carta faz parte de uma pequena troca de correspondência entre Elias e Benjamin, sobre a possibilidade do segundo escrever uma resenha de *Über den Prozess der Zivilisation*. Ver sobre o tema o artigo de Schöttker (1996).

citada *Dialektik der Aufklärung*. Lembre-se que ainda no final dos anos sessenta era possível encontrar à venda exemplares da primeira edição desse livro, publicada em 1947.

Enquanto Elias problematiza a diferença valorativa entre os conceitos de cultura e civilização, explorando os impasses e a fluidez dessa histórica e processual separação nas tradições alemã e de outros países, os frankfurtianos farão, em defesa da cultura, mas contra sua apatia, uma dura crítica a civilização. Para os membros do Instituto de Pesquisa Social, trata-se de compreender e criticar a *civilização técnica*, responsável por um tipo de mistificação que Adorno em outro momento chamará de *véu tecnológico* (Adorno, 1997e, p. 686). Em linguagem que em muito lembra Walter Benjamin, os Autores recolocam a esperança de uma civilização que possa superar a si mesma: "Uma vez que a civilização se expanda e se liberte, de maneira que não haja mais qualquer faminto sobre a Terra, então ela terá realizado aquilo que a cultura até hoje em vão apenas prometeu." (Institut Für Sozialforschung, 1991, p. 88)

3. RETOMANDO AS CRÍTICAS DE ELIAS

As críticas de Elias a Adorno conduzem a alguns pontos de tensão, que derivam justamente do lugar epistemológico do qual fala. Vou tentar discutir alguns deles. Gostaria de retomar as ponderações ao marxismo de Adorno. Como coloquei acima, é quase surpreendente essa associação de Adorno ao marxismo, uma vez que muitos se dedicaram a dele desassociar a Teoria Crítica, considerando que haveria, a partir dos trabalhos dos anos quarenta, um rompimento definitivo de Adorno e Horkheimer com Marx.

É claro que Adorno e Horkheimer nunca estiveram próximos da vulgata marxista que sustentou as ações políticas de grande parte do movimento comunista do século vinte. Já em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (Horkheimer, 1970, pp. 12-56) – escrito por Horkheimer em 1936, simultaneamente às denúncias dos *progoms* do stalinismo – está posta a crítica ao marxismo tornado ideologia de Estado. Horkheimer e Adorno foram sempre pensadores independentes do movimento comunista, que criticaram a prática política cega e aparentada com a violência e o totalitarismo. Da mesma forma, se seguramente um livro como *Dialektik der Aufklärung* está longe de qualquer vulgaridade teórica, não é possível pensá-lo em sua estrutura interna sem que se considere categorias marxistas, desde a troca de equivalentes como medida universalizada, até o fetichismo da mercadoria no contexto da Indústria Cultural⁸.

É, portanto, legítima a afirmação de Elias, de que o humanismo crítico de Adorno estaria emoldurado por sua leitura de Marx, embora seja preciso destacar que esse humanismo crítico não tem apenas Marx como fonte, mas também, pelo menos, Kant, Nietzsche, Freud, Hegel e Schopenhauer.

⁸ Sobre a relação mais direta de Adorno com a Obra de Marx, sugiro a leitura de dois textos do próprio Autor, *Reflexionen zur Klassentheorie. Gesammelte Schriften* (Adorno 1997b) e *Marx está superado?* (Adorno, 1972). Distancio-me, no que se refere à posição de Adorno em relação ao marxismo, da perspectiva de Elias, assim como também da de um de seus discípulos que se dedicou à pesquisa sobre Adorno, Artur Bogner (1989, p. 67).

O que me interessa aqui, no entanto, são as considerações de Elias sobre o marxismo de Adorno e suas decorrências, das quais, em grande parte, discordo. Elas talvez possam ser sintetizadas em três pontos entre si interdependentes. O primeiro se refere ao fato de que Adorno não teria entendido por que as teorias de Marx se transformaram no contrário do que pretendiam, de um modelo de ação para os oprimidos em um processo legitimador para os opressores. O segundo trata das dificuldades que se teriam colocado para Adorno em entender esse processo, ao permanecer aferrado a um modelo teórico do século anterior – o próprio marxismo, o que o levaria a impossibilidade de continuar propondo novos problemas e alcançar soluções originais. Por último, trata-se de refletir sobre a ideia de que essa impossibilidade de pensar novas questões teria levado Adorno a resignação e à imobilidade do pensamento.

Não posso concordar com a tese de que Adorno não teria entendido por que as ideias de Marx, cujo vetor era a emancipação dos trabalhadores pela transformação das relações sociais, transformaram-se em um movimento contrário, ligado à dominação e ao totalitarismo. Minha discordância com esse ponto central se baseia em alguns argumentos, que passo a apresentar, e que valem para os dois pontos subsequentemente apontados.

Adorno manteve-se fiel à crítica da sociedade burguesa tal como Marx a desenvolve em *O Capital* (Marx, 1982), ao mesmo tempo em que criticou a adesão dos trabalhadores ao sistema capitalista, via benesses da socialdemocracia. Em outras palavras, Adorno foi, nesse sentido, como indicou Herbert Marcuse, um *marxista ortodoxo*. (Marcuse, 1999, pp. 106-107).

Ao permanecer fiel ao núcleo forte do *marxismo como crítica*, Adorno pôde perceber, nos marcos de sua crítica a dominação da natureza, o momento de violência presente no próprio marxismo, de sobrevalorização do avanço irrestrito das forças produtivas, como mostram vários de seus textos. Essa dominação irrefletida da natureza, representada pelo fetichismo da técnica e escondida pelo *véu tecnológico*, acaba por "autorizar" o totalitarismo, o domínio dos seres humanos, ainda que isso seja feito em nome de sua emancipação.

O segundo aspecto de minha discordância com a crítica de Elias relaciona-se com sua afirmação, de que Adorno não teria percebido que os processos de longo prazo não são completamente controláveis, justamente porque o processo da civilização não é *racional*. Reconheço que com isso Elias não quer dizer que esse processo é irracional ou caótico, mas que ele não foi planejado de antemão de forma que pudesse como tal ser concretizado. Ao contrário, o conjunto de relações interdependentes estabelece configurações cada vez mais complexas que exigem uma adequação – essa sim em um sentido *racional* – tanto das disposições psíquicas individuais quanto das relações sociais. Não é esse o problema da crítica de Elias. Adorno opera pela perspectiva dialética, segundo a qual um fenômeno histórico movimenta-se, *negativamente*, no sentido de sua transformação. Opera, em outras palavras, concebendo o mundo social como quadro de possibilidades não previsíveis, porque não conhecidas de antemão, mas engendradas pelas relações sociais entre classes sociais, entre ser humano e natureza, entre sujeito e objeto. Essas relações são complexas e multifacetadas, e, sobretudo, não isentas de dor, sofrimento, recalques, momentos de regressão e barbárie. Por isso a dialética de Adorno se contrapõe a qualquer forma de reificação, ao mesmo

tempo em que seu exercício crítico, ao denunciar o sofrimento, se coloca em favor da utopia, e não da resignação, como quer Elias.

Não considero a perspectiva de Elias, nesse ponto, como excludente em relação à de Adorno. O que tenho dificuldades de entender é por que Elias simplesmente desconsidera o lugar de onde fala Adorno. Tenho uma hipótese para isso, que se relaciona a como ambos consideram a relação entre ser humano e natureza. Enquanto para Elias o domínio da natureza e o progresso são claramente positivos (Elias, 1984, 1991), para Adorno trata-se de criticá-los em sua dialética, percebendo-lhes as contradições internas. Trata-se de verificar o potencial regressivo e produtor da barbárie presente no próprio progresso e no domínio da natureza, manifesto na opressão e na violência. Coloca-se aqui uma diferença importante entre os dois, que não desenvolverei neste momento, que se relaciona à interpretação da Psicanálise, bem como à presença de seu legado nas respectivas obras⁹.

É bastante questionável, nesse sentido, a ideia de que Adorno tenha se refugiado na resignação, e que tanto ele quanto Horkheimer não tenham sido firmes o suficiente para avançar no pensamento. Inúmeras reflexões teóricas, bem como uma série de pesquisas empíricas realizadas pelos Autores, em constante diálogo com o pensamento clássico, mas também com a sociologia e a psicologia contemporâneas, testemunham uma enorme produção intelectual, que se mantendo fiel ao rigor da tradição do Esclarecimento, foi capaz de ser-lhe duramente (auto) crítica.

Na verdade Adorno rejeitou a toda tentativa de reduzir o pensamento a sistemas fechados, como atesta um de seus grandes trabalhos da maturidade, a *Dialética Negativa*. É nesse sentido, justamente, que para Adorno é preciso, antes de tudo, continuar pensando, afinal, a "Filosofia, que certa vez parecia superada, mantém-se em vida, uma vez que falhou seu momento de realização." (Adorno, 1997a, p. 15). Ao invés resignação incapacidade para continuar pensando e propondo novas questões, o que me parece acontecer com Adorno é justamente o contrário: não há resignação frente ao irracionalismo ou tibieza das leituras lineares da história, mas a teimosa procura de recusar o sistema e apostar na *negatividade*, por meio da qual se segue pensando e colocando novas questões.

Por fim, gostaria de destacar que, para além das questões apontadas nesse pequeno texto, oriundas do discurso proferido por Elias, há várias outras que mostram aproximações e afastamentos entre os dois Autores. O diálogo entre ambos, por meio de temáticas (e são várias!) que lhes foram centrais – ou são hoje comuns nas tradições que a partir deles se desenvolveram – pode constituir, como já afirmei acima, um profícuo debate acadêmico.

REFERÊNCIAS

Adorno, T. W. (1972). Marx está superado? Vários Autores. *Opções de Esquerda*. (C. N. Coutinho, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Adorno, T. W. (1974). *Philosophische Terminologie*. (2 vol.) (org. Rudolf zur LIPPE). Frankfurt am Main: Suhrkamp.

⁹ A interpretação de Freud por Elias foi duramente criticada, em chave frankfurtiana, por Susan Buck-Morrs. (1978, pp. 181-198)

Adorno, T. W. (1996) *Introducción a la Sociología*. (E. R. López, Trad.). Barcelona, Gedisa.

Adorno, T. W. (1997a). Negative Dialektik. *Gesammelte Schriften* (vol. 6). Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (1997b). Reflexionen zur Klassentheorie. *Gesammelte Schriften* (vol. 8), Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (1997c). *Gesammelte Schriften* (vol. 10-1). Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (1997d). Zu Subjekt und Objekt. *Gesammelte Schriften* (vol. 10-2), Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (1997e). Erziehung nach Auschwitz. *Gesammelte Schriften* (vol. 10-2). Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (1997f). *Was bedeutet: Aufarbeitung der Vergangenheit*. *Gesammelte Schriften* (vol. 10-2). Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Adorno, T. W. (1997g). Kritische Theorie und Protestbewegung. *Gesammelte Schriften* (vol. 20-1), Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Arendt, H. (1993). *Between Past and Future*. London: Penguin Books.

Becker-Schmidt, R. (1991). Wenn die Frauen erst einmal Frauen könnten. In J. Früchtel, & M. Calloni. *Geist gegen den Zeitgeist. Erinnern an Adorno*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Bogner, A. (1989) *Zivilisation und Rationalisierung*. Die Zivilisationstheorien M. Webers, N. Elias und der Frankfurter Schule im Vergleich. Opladen: Westdeutscher Verlag.

Buck-Morss, S. (1978) Review: Norbert Elias. The Civilization Process. *Telos*, 37, Fall, 181-198.

Elias, N. & Lepenis, W. (1977). *Zwei Reden anlässlich der Verleihung des Theodor W. Adorno-Preises 1977*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Elias, N. (1977). Adorno-Rede: Respekt und Kritik. In: N. Elias, & W. Lepenis. *Zwei Reden anlässlich der Verleihung des Theodor W. Adorno-Preises 1977*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Elias, N. (1984). "We have not learnt to control nature and ourselves enough: an Interview with Norbert Elias". Entrevista a Aafke Steenhuis. Recuperado em 15,novembro,2007, em <http://www.usyd.edu.au/su/social/elias/intervie.html>.

Elias, N. (1991). *A Condição Humana*. (M. Loureiro, Trad.). Difel: Lisboa.

Elias, N. (1994). *Reflections on a Life*. Cambridge: Polity Press.

Elias, N. (1996). *Norbert Elias über sich selbst*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Früchtl, J. & Calloni, M. (1991). *Geist gegen den Zeitgeist. Erinnern an Adorno*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.

HORKHEIMER, M. (1970). *Traditionelle und kritische Theorie*. Vier Aufsätze. Frankfurt am Main: Fischer.

Horkheimer, M. & Adorno, T. W. (1997). *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente. Gesammelte Schriften* (vol. 3). Frankfurt am Main: Suhrkamp.

Institut Für Sozialforschung (1991). *Soziologische Exkurse*. Hamburg, Europäische Verlagsanstalt.

Marcuse, H.(1999). Reflexões sobre Theodor Adorno. In H. Maruse. *A Grande Recusa Hoje*. Petrópolis, Vozes.

Marx, K. (1982). *Das Kapital*. Kritik der politischen Ökonomie. Berlin: Ditz.

Schöttker, D. (1996). Norbert Elias und Walter Benjamin. Ein Briefwechsel und sein Zusammenhang. In K.S. Rehberg (Ed.). *Norbert Elias und die Menschenwissenschaften*. Studien zur Entstehung und Wirkungsgeschichte seines Werkes. Frankfurt am Main: Suhrkamp.